A PROMESSA

PEÇA EM TRÊS ACTOS

E TRÊS QUADROS

DE

BERNARDO SANTARENO

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

Museu Teatro
19770

D I S T R I B U I Ç Ã O

MARIA DO MAR _____

_____

JOSÉ _____

_____

LABAREDA _____

_____

JESUS _____

_____

SALVADOR _____

_____

ROSA _____

_____

Iª VELHA _____

2ª VELHA _____

3ª VELHA _____

PADRE _____

Iº HOMEM _____

2º HOMEM _____

3º HOMEM _____

4º HOMEM _____

5º HOMEM _____

Iª MULHER _____

2ª MULHER _____

3ª MULHER _____

SARGENTO _____

GUARDAS e GENTE DO POVO _____

_____

_____

PRÓLOGO

CENÁRIO - Exterior da Casa de Maria do Mar e José, montado sobre um giratório que permite, por rotação, dar-nos rápidamente o interior da mesma. A Casa centra um aglomerado de casario velho e pobre que resume o tipo da aldeia da beira-mar. Vários planos, nas linhas de altura e antero-posterior. Escadas, ruas estreitas, portas de portal, tetos de colmo, etc. Ao fundo, dunas de areia e o Mar. Este, sempre presente pelo som, dialoga com as personagens da peça, durante toda a acção.

É madrugada, mal luze o buraco.

Tiros. Os Guardas perseguem os contrabandistas.

Ruídos vagos de passos em corrida, invectivas roucas, etc.

A certa altura, surge Labareda: Foge aos Guardas que o vêm perseguindo.

Arfante, acossado, cheio de medo, as roupas molhadas e em farrapos, o contrabandista hesita uns momentos na direcção a tomar. Gritos dos Guardas. Decide-se. Atravessa a praça fronteira à Casa de Maria do Mar e, sempre correndo, sobe uma ruela à Direita.

Fazendo-o, choca-se com o Tio Alfredo que, alvoraçado, assoma à porta do seu casabre.

O velha desequilibra-se e cai.

Mais perto os Guardas. O Tio Alfredo levanta-se penosamente, resmungando; vai pôr-se a resguardo em casa, espreitando pela porta entreaberta. Surge o 1º Guarda que hesita na direcção a tomar: Acaba por subir a correr, na direcção oposta à de Labareda. O Tio Alfredo que, à vista do Guarda, fechara logo a porta, volta a abri-la, entre curioso e receoso. Ouve-se um tiro. Assoma uma Mulher Velha à janela: Deita a cabeça de fora, persigna-se e volta a recolher-se. Labareda desapareceu.

Na grade da parede lateral-fronteira, aparecem 2 Velhas e 1 Rapariga, desgrenhadas, as saias pela cabeça. Uma das Velhas corre as contas dum terço; a Rapariga sufoca em voz rouca "Ai, Jesus!" e "Ai, minha Nossa Senhora!"; a outra Velha observa, com uma expressão inexpressiva e bovina, estáctica, o lábio inferior pendente. Surgem mais Guardas, de espingardas apertadas, ofegantes. Dois seguem o caminho de Labareda; o terceiro um outro qualquer. As Mulheres e o Velho, mal vêem os Guardas, escondem-se logo, reaparecendo quando eles saem de cena: "Jesus é o fim

do mundo !". Iluminam-se mais janelas: Podem ver-se, nelas e em primeiro plano, as candeias de azeite que mal deixam perceber os vultos escuros que as seguram nas mãos levantadas. Um tiro. Aflição geral. Uma série de tiros, mais longe. Todos rezam, receosos e assustados. O Tio Alfredo aventura-se a sair outra vez de casa: Fica-se de nariz levantado, como que a cheirar o ar. Vindos de cima, atravessam a cena, a correr, três Guardas; logo desaparecem. O Tio Alfredo agacha-se no portal; as mulheres encolhem-se para dentro de casa. Gritos longínquos dos Guardas. Silêncio pesado, durando alguns segundos. O Tio Alfredo sobe uns passos na rua por onde seguiu o contrabandista. Surge ao fundo-alto, cambaleante e ferido, Labareda: Pára um pouco, apavorado, gemendo de dor; manchas de sangue na camisa. Mal o vê, o Tio Alfredo foge a esconder-se em casa, fechando rápido a porta. As mulheres cerram as janelas. Labareda dá mais uns passos, cai de joelhos; ergue-se com esforço; mais uns passos; volta a cair, desmaiado, num recanto qualquer que, pela sua disposição, possa servir-lhe de esconderijo. Silêncio. Grita, esquisitamente, uma gaivota.

----------///----------

I Acto

I C E N A (3)

Interior da Casa de José e de Maria do Mar

MARIA DO MAR

(surge no limiar da porta do quarto onde dorme com José: Desgrenhada, o cabelo comprido caído pelas costas, trazendo uma candeia que levanta até ao nível do rosto. Vem descalça e descomposta. Marcas de cansaço nas faces. Sob tensão nervosa, esta chega ao espectador pelo tremor leve das pálpebras, dos lábios, das mãos; olhar seco, queimado. Olha com cansaço e vaga náusea o Velho; depois, demoradamente, para dentro, para o quarto onde dorme José. Vai para entrar na cozinha, hesita, volta ao quarto, encostando-se na umbreira da porta. Suspiro entrecortado, afogando o ruído. Quebrada, com pena de si mesma, dobra-se um pouco, os olhos humedecem-se-lhe , os lábio tremem-lhe mais. O velho coloca uma acha no fogo, fazendo barulho. Este sobressalta Maria do Mar que, num brusco movimento de força reactiva própio da sua personalidade, logo se endireita, hirta e tesa de músculos. Repara que está descomposta, com um seio quase todo à mostra. Olha-se por momentos; encolhe os ombros, numa atitude geral de desencanto desesperado, de auto-desprezo; compõe a blusa num gesto seco, quase raivoso, despido de toda a coqueteria. Entra abrupta, dura e desabrida.) Bom dia, pai!

SALVADOR

(Enchendo o cachimbo; veste camisola de grossa lá preta.) Bom dia, rapariga!

MARIA DO MAR

(Que vai pendurar a candeia num prego, para tal existente na coluna da lareira.) Maldito tempo!...(Agressiva) Vossemecê dormiu aí?!

SALVADOR

Levantei-me ainda não eram quatro horas: não podia com o frio...

MARIA DO MAR

(Alisando os cabelos com um pente) O pior, é a lenha...Muito friorento vossemecê me saiu, pai! Até na cama tem frio...

SALVADOR

(Que fixa o fogo) Estou velho, rapariga...

MARIA DO MAR

(Troça crispada) Não é da idade , pai: isso...é do sangue!.

SALVADOR

Estou velho...é só.

MARIA DO MAR

(Pára, de súbito, atirando com o pente para cima de uma mesa Mais vale só, que mal acompanhado!

SALVADOR

(Silêncio; fixa Maria do Mar)

MARIA DO MAR

(Brusca, atando a saia na cinta) Ora!...Que tempo mais malvad

SALVADOR

Queres tu dizer com isso, que a minha Rosária - Deus a tenha em descanso! - não era boa companheira?...

MARIA DO MAR

Vossemecê não está bom, meu pai. Põe mau sentido em tudo quanto eu digo!...

SALVADOR

Como tu estás mudada! (Silêncio) E como tu me tratas!...Tens razão: eu agora, não passo dum peso morto...

MARIA DO MAR

Vossemecê está em sua casa, meu pai...(Num rompante) em sua casa, com o seu filho José e o seu filho Jesus! Aqui, a estrangeira sou eu...eu, eu é que sou a estranha! Não tenha medo, meu pai: está em sua casa, com a sua gente...Não, não pesa a ninguém!

SALVADOR

Mas o pão que eu como, é teu! Eu já não tenho braços...nem pernas...(Mostra um par de muletas)

MARIA DO MAR

O pão que vossemecê come, é do seu filho José, ele é quem o ganha...

SALVADOR

Dele ou teu, não é o mesmo? Ele não é o teu homem?!

MARIA DO MAR

Meu homem?! (Riso frenético) Deixe-me rir!...o meu homem!

SALVADOR

(Com estranheza) Estás doida, rapariga? Que diabo tens tu?!

MARIA DO MAR

(Angustiada, quase a chorar) Maldito tempo! (Vai abrir a janela: claridade do exterior, mar e vento mais audíveis.) Ah, mar! Ah, filho dum cão! Que o demónio te beba, malvado! (Fecha violentamente a janela) E há cinco dias que isto dura!...(Num impeto, girando em redor de si mesma) Estou farta do mar, entende? Farta, até aqui! (Indica os cabelos) Mar, mar, mar...O mundo não é só o mar, meu pai!

SALVADOR

Para a gente é, Maria do Mar: se tu, rapariga, até no nome lhe pertences!

MARIA DO MAR

É verdade, meu pai: Deus marcou-me! Foi logo desde a nascença... (Mutação rápida) Mas então o seu filho hoje não se levanta? (À porta do quarto; irritada) Zé!...Ah, Zé!...São mais que horas: levanta-te homem!

SALVADOR

Deixa-o mulher, deixa-o dormir: ele hoje ainda não pode ir ao mar. Talvez amanhã...Talvez o tempo mude hoje, durante o dia...

MARIA DO MAR

Ora, meu pai ! Vossemecê cuida que o Zé tem pena, por não se poder fazer ao mar? Bem se importa ele com o mar!

SALVADOR

Não se importa?! Com que se ha-de importar um pescador? Tu sempre tens coisas...

MARIA DO MAR

(Ruim) E vossemecê gosta muito do mar, não é assim? Não haja dúvidas que tem razões para isso! Veja o que ele fez das suas pernas...